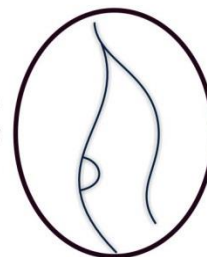




INTERFACE  
ISSN 1806-6062



nemad.webnode.com - Interface, Edição número 06, maio de 2013

---

## Espaço e *habitus* na Casa Rural – uma leitura do Sertão Goiano

Ana Carolina de Oliveira Marques<sup>1</sup>  
Rusvênia Luiza Batista Rodrigues da Silva<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo é fruto da pesquisa de mestrado finalizada em fevereiro de 2013, cujo campo de estudo refere-se ao povoado de Pouso Alto, no Nordeste Goiano. No limite entre três estados brasileiros, Tocantins, Goiás e Bahia, o povoado representa ainda um marco entre o Brasil rural e o Brasil urbano. Sua consolidação data de meados do século XX, quando o País caminhava para a "soberania" do modo de vida urbano. Sendo assim, neste trabalho são apresentadas duas das categorias-chave do estudo realizado \_espaço e *habitus*\_ e a leitura da casa rural como lugar de manifestação de relações socioculturais que conferiram àqueles sujeitos esquemas de pensamento e ações típicos do universo sertanejo. Para tanto, foi feita uma revisão teórica sobre os conceitos e categoriais que possibilitaram em campo identificar elementos que ultrapassam a materialidade da casa. Esses elementos informaram contradições existentes entre um espaço pensado para uma temporalidade moderna, entretanto, como forte presença de valores e costumes tradicionais.

Palavras-chave: Espaço, *Habitus*, Casa rural, Sertão Goiano.

### Abstract

This article is a result of a finalized masters research and it was developed in a village called Pouso Alto, located in Northeast of Goiás State. At the boundary between three Brazilian states, Tocantins, Goiás and Bahia, the town is still a landmark between the rural Brazil and urban Brazil, since date of mid-twentieth century, when the country was moving towards "sovereignty" of the urban lifestyle. This work presents two of the key categories studied in the master research developed-space and *habitus*- and made the reading of rural house as a place of social and cultural relations and manifestation that gave at those habitants mindsets and typical actions of the backcountry universe. Therefore, a theoretical review was made about concepts and categories that allowed, through a field job, identifying elements that exceed the materiality of the house. These elements informs contradictions between a space thought to be urban, however, as the presence of strong rural values and customs.

Keywords: Space, *Habitus*, Rural house, Hinterland Goiás.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Tocantins – carol.geografia@hotmail.com;

<sup>2</sup> Universidade Federal de Goiás/CEPAE – rusvenia@gmail.com.

## 1. Introdução

Este artigo deriva de reflexões teóricas e trabalhos de campo realizados durante a pesquisa de mestrado (2011-2013). A dissertação vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Goiás, teve como título "Espaço e *Habitus* no sertão goiano: o povoado de Pouso Alto". Nesta, foi trabalhada a (re)produção do espaço de Pouso Alto, um povoado (legalmente um distrito) pertencente ao município de Campos Belos, no extremo Nordeste Goiano. Consolidado a partir do êxodo rural de meados do século XX \_processo abordado na literatura regional e em obras consagradas no campo da Geografia Agrária\_ o povoado apresenta contradições socioespaciais de um lugar situado entre regiões de realidades notavelmente distintas. A leste, o agronegócio crescente na Chapada do São Francisco, no Oeste Baiano, e a racionalidade moderna ditadora de relações "a-humanas"; a Norte, pequenas cidades tocantinenses que carregam o tempo passado em suas paisagens e modos de vida; a Oeste, lugares a espera de um progresso ilusório, que no movimento de "integração" das políticas varguistas não foram contemplados.

A diversidade de tempos e espaços contraditoriamente respondeu pela conservação de estruturas e valores que fizeram de Pouso Alto um curioso exemplar da cultura sertaneja. Nessa linha, este artigo tem como objetivo demonstrar uma das vias pelas quais se chegou à conclusão de que ali persiste a racionalidade rural, desmistificando olhares que desconsideram a força local e mais, individual, na dinâmica dos lugares e dos *habitus* dos sujeitos.

O conhecimento integrado da realidade, que relaciona os esquemas de pensamentos e ações dos sujeitos às condições materiais do espaço compõe o método praxiológico, que orientou todo o estudo. Formulado pelo sociólogo Pierre Bourdieu, segundo Setton, esse método inova:

[...] ao fugir dos determinismos das práticas, pressupõe uma relação *dialética* entre sujeito e sociedade, uma relação de mão dupla entre

*habitus* individual e a estrutura de um *campo*, socialmente determinado. Segundo esse ponto de vista, as ações, comportamentos, escolhas ou aspirações individuais não derivam de cálculos ou planejamentos, são antes produtos da relação entre um *habitus* e as pressões e estímulos de uma conjuntura. (2002, p. 64).

O sistema de disposições que acompanha cada um durante a sua vida é, nesse sentido, fruto das experiências sociais e responsável por elas. Diferente da razão no pensamento cartesiano, algo dado por Deus, a subjetividade é entendida como uma composição de percepções oriundas da relação do sujeito com o mundo exterior. Tais percepções são definidoras de futuras ações e reações, orientadas tanto por determinantes históricos como pela liberdade individual admitida a cada sujeito. Tais considerações ficarão mais claras depois de discutidas as categorias espaço e *habitus*, no tópico seguinte.

Para elaboração deste trabalho, partiu-se de uma breve revisão teórica, na qual foram trabalhados os conceitos-chave supracitados, utilizados na análise da casa sertaneja. Posteriormente à revisão, foram trazidos depoimentos de antigos viajantes que percorreram a região, assim como trechos de entrevistas dadas por moradores de Pouso Alto e fotografias das casas do povoado. Analisadas as imagens e entrelinhas dos discursos, foi-se possível visualizar processos que ultrapassam a materialidade da casa, apresentada também e especialmente, como manifestação de espaços, tempos e *habitus*.

## 2. Casa, espaço e *habitus*

Elencar a casa como objeto de estudo é, sobretudo, admitir na análise espacial a dialética existente no movimento do mundo, atribuindo ao lugar (e a casa como lugar) papel ativo na produção do espaço. Espaço esse que envolve uma complexa definição, como Santos apresenta:

Objeto de preocupação dos filósofos desde Platão e Aristóteles, a noção de espaço, todavia, cobre uma variedade tão ampla de objetos e significações — os utensílios comuns à vida

doméstica, como um cinzeiro, um bule, são espaço; uma estátua ou uma escultura, qualquer que seja a sua dimensão, são espaço; uma casa é espaço, como uma cidade também o é. Há o espaço de uma nação — sinônimo de território, de Estado; há o espaço terrestre, da velha definição da geografia, como crosta do nosso planeta; e há, igualmente, o espaço extra-terrestre, recentemente conquistado pelo homem, e, até mesmo o espaço sideral, parcialmente um mistério. (1990, p. 119-120).

Em virtude da complexa rede de objetos e ações envolvida na definição de espaço como categoria de estudo da geografia, as delimitações se tornam necessárias. Entretanto, apesar de qualquer objeto ou representação ser cabível de uma abordagem geográfica, a noção da totalidade deve sobressair nas análises, resgatando o determinante histórico e as relações de poder que contém em todo e qualquer evento. Diante disso, a casa nesse artigo assume o papel de instrumento de identificação e compreensão do que chamamos "*habitus sertanejo*", nada mais sendo *\_a casa\_* que um dos veios de manifestação das relações homem-espaço no sertão.

É preciso, *a priori*, estar ciente de que a casa rural goiana carrega singularidades de um Estado (Goiás) cuja posição geográfica, dado o contexto histórico das construções aqui trabalhadas, lhe coloca entre espaços e realidades contraditórias: o litoral urbanizado e o sertão rural, o sul moderno e o norte "pacato". Para além da discussão acerca do imaginário social e das desigualdades regionais, importa lembrar que, de acordo com Oliveira (2010, p. 18), "a situação fronteiriça, advinda do período colonial, encaminhou a sociedade goiana para o estabelecimento de tempos e ritmos próprios, que se apresentavam expressos nos seus espaços".

O espaço aparece, na abordagem proposta, com papel ativo e determinante na dinâmica dos lugares. O conjunto de elementos materiais que certa localidade oferece aos sujeitos interfere no comportamento dos mesmos, assim como na autonomia ou dependência do lugar frente às variáveis externas.

Aliado à atividade do espaço, está o grau de interferência dos povos e até do indivíduo

nas transformações ou conservações espaciais e de vida. Nessa linha de raciocínio, Bourdieu fundamentou uma categoria de análise – *habitus* – definida como:

[...] sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los [...]. (2009, p. 87).

Fugindo de concepções deterministas, sejam de cunho ambiental, econômico ou social, Bourdieu analisou a sociedade baseado não somente numa divisão de classes, mas nos processos histórico-espaciais mais sutis que aproximam ou fragmentam grupos e sujeitos, destacam instituições e agentes. As relações de dominação que alimentam a hierarquia social são entendidas, sobretudo, a partir das estratégias materializadas no cotidiano. Essas estratégias englobam desde conversas de boteco, práticas religiosas, até a organização interna de uma casa.

Pelo exposto, percebe-se que espaço e *habitus*, numa relação dialética, constroem os lugares, suas identidades, como se percebeu pela análise da casa rural do povoado de Pouso Alto, entendida como objeto típico do universo sertanejo.

### 3. Resultados e discussões

Dona Josélia cita uma família que chegou à região de Pouso Alto antes da criação do Patrimônio, cujos membros eram chamados de "Os foias". A expressão se dava devido a "*construírem suas casas de enchimento e as cobrirem com folhas*". O uso de folhas na cobertura das casas é uma prática antiga, já relatada pelo viajante Auguste de Saint-Hilaire, em seus escritos "*Viagem à Província de São Paulo*". Ele remete aos arredores da Serra de Corumbá (GO), no ano de 1819:

Esse sítio, que abrigava duas ou três famílias, compunha-se de algumas casinhas feitas de barro

cinzento, umas cobertas de palha, outras de folhas de buriti (...). Nenhuma delas tinha janela, e as portas, muito frágeis, fazendo lembrar as nossas treliças, eram feitas com folhas de buriti dispostas verticalmente e ligadas umas às outras com cipó. (COLEÇÃO MUSEU DA CASA BRASILEIRA, 2001, p. 22).

O convívio direto com os recursos naturais é a princípio o que diferencia a organização espacial rústica da "industrializada". Na modernidade, a artificialização do espaço e da vida e a especialização do trabalho distanciaram o homem da cidade de processos diretamente ligados à sua sobrevivência, como a busca por alimentos. No sertão, exclusivamente em lugares onde os hábitos rurais ainda predominam, essas são atividades realizadas pelos próprios sujeitos, que

desenvolveram habilidades e conhecimentos sobre a natureza proporcionados pela vida diária. Nas próprias paisagens das casas são perceptíveis essas habilidades.

A técnica vernácula predominante na maioria das construções indica o trabalho de fabricação de objetos sem um planejamento profissional, o que é notável no povoado diante dos materiais e formas das residências (vide figura 1). Segundo Oliveira (2010, p. 21) essa técnica "[...] contempla todas as construções que resultam diretamente da interação entre sociedade, meio ambiente e cultura, na busca do abrigo, e define-se por um processo sem interferência de profissionais da construção, constituindo-se numa tradição".



**Figura 1.** Fotografia de uma casa feita a partir de técnicas vernáculas, construída de adobe e coberta de palha, Distrito de Pouso Alto – Goiás. Fonte: Acervo da autora, 2011.

Pela imagem, já é possível perceber uma forma diferente de organização do espaço, não sendo a faixada da casa o portal do lote, mas sim o que os sertanejos costumam chamar de "terreiro", onde não prevalecem \_numa visão moderna e urbana\_ questões estéticas.

A simplicidade no sertão fora mencionada por viajantes como o médico e explorador alemão Robert Avê-Lallemante. Ele descreveu em "*Viagem pelo norte do Brasil no ano de*

*1859*<sup>3</sup>", as impressões que teve das habitações de Ilhéus (BA), no ano de 1858:

A maioria [...] são casas pequenas, por demais modestas, de taipa, cobertas de folhas de coqueiro e são primitivas que realmente não se pode compreender como uma povoação, que já existe há 300 anos, tenha feito tão pequeno progresso (...). (BRUNO, 2001, p. 70-71).

<sup>3</sup> Trechos transcritos pelo fichário Bruno (2011).

O discurso de Avé-Lallemante indica o quanto a rusticidade das construções contribuiu na disseminação de uma visão estereotipada do sertanejo. A dependência ao ambiente natural foi confundida com a pobreza, que por sua vez foi vista não apenas pelo viés econômico, mas estendida à inferioridade cultural.

Em áreas hoje pertencentes ao Sul Tocantinense, as condições descritas não eram diferentes: "As casas eram (...) todas de palha, até a própria igreja.", conta o naturalista inglês Francis Castelnau, em "*Expedição às regiões centrais da América do Sul*". (BRUNO, 2001, p. 346).

Acrescido aos costumes desenvolvidos na relação próxima entre o sujeito e o sertão, houve ainda a influência de outras civilizações nas construções sertanejas, como contou Saint-Hilaire, em 1819, referindo-se à região de Mossâmedes (GO):

[...] O teto destas é feito de palha e a sua estrutura é a mesma das casas luso-brasileiras, compondo-se de varas fincadas no chão e atadas com cipó a compridos bambus dispostos transversalmente. [...] os portugueses costumam tapar com barro os espaços vazios entre as varas cruzadas [...]. (p. 64).

A tradicional técnica do enchimento — de adobe — na fabricação das paredes é ainda visível nas paisagens pouso-altenses, conforme ilustra a figura 2:



**Figura 2.** Fotografia de uma casa tipicamente rural com a presença de um elemento moderno – antena parabólica. Distrito de Pouso Alto – Goiás. Fonte: Acervo da autora, 2011.

A imagem retratada suscita o debate acerca da sobreposição de espaços e tempos que acontece hoje no sertão goiano. Enquanto se vê a casa composta de adobe, típica das primeiras povoações de Goiás, e um terreiro em terra "crua", observa-se a presença de elementos modernos como a antena parabólica, a cerca e a telha industrial.

A casa rural goiana pode ser considerada a matriz das edificações do Estado de Goiás. Como uma enorme herança para as gerações

goianas, muitos elementos e costumes deram origem a combinações, que hoje são notáveis inclusive nas moradias citadinas. Como exemplo tem-se o uso crescente de hortas, objetos rústicos (mesmo que usado como decorativos), além de jardins que procuram reproduzir na cidade um ambiente próximo ao rural. Em Pouso Alto, para além das formas, estes elementos fazem parte do cotidiano e ilustra a relação de dependência do sujeito com a terra, vide figura 3.



Figura 3. Fotografia do quintal – plantação de hortaliças – de um informante, Distrito de Pouso Alto – Goiás. Fonte: Acervo da autora, 2012.

Ao longo da pesquisa de mestrado, percebeu-se que o quintal, assim como destacado na fotografia, é ademais, o lugar que liga o morador do povoado com a história camponesa que o constitui.

As dificuldades impostas pela racionalização no campo restringiram o espaço produtivo de muitas famílias ao terreiro ou quintal. Nessas condições, ele abriga inúmeras atividades agrícolas, como a plantações de hortaliças, árvores frutíferas, leguminosas e a criação de aves, bovinos e suínos. Informa, portanto, elementos da trajetória do lugar e de seus habitantes.

O espaço do quintal contribui também para a relativa autonomia do povoado em relação aos núcleos urbanos próximos, pois através dele as famílias conseguem grande parte dos alimentos consumidos no interior da casa. Por esses e outros motivos, a casa-quintal é comum no espaço pouso-altense como um todo.

As grandes quadras que formam o povoado têm no seu interior a fusão desses quintais. Além de elemento de distinção social, a quintal liga o pouso-altense ao seu lugar de

origem, do qual migrou por razões que em sua maioria, obedeceram a fatores econômicos. O fato é que esse espaço além de multifuncional (pois abriga também o “puxadinho”, ou banheiro), foi determinante na readequação do *habitus* sertanejo naquele local.

Outro importante cômodo e revelador do povo(ado) é a cozinha. Envolvendo alimentação e técnicas de preparo, este é o lugar das representações, da expressão de regionalidades e da criação. A descrição feita por Vieira, apesar de permeada de juízos de valores, auxilia rumo a essa compreensão, quando expõe sobre o mobiliário da cozinha:

Nesses ranchos pobres é reduzidíssimo. Usam camas de varas, giraus, esteiras e rêdes. Em lugar de cadeiras, bancos rústicos, ou troncos de madeira mal trabalhados — sepos e tripeças (assento baixo e arredondado, de três pernas, fundo côncavo e buraco redondo ao meio). A mesa, única, é também tôska. O pote ou a bilha de barro — moringa, e a cabaça água. A cabaça também é usada para guardar coisas miúdas e até para copo de beber. Uma banda de cabaça, cuia, adaptada para copo, é chamada “coité”, que também pode ser de casca de “côco da Bahia” — serve para tomar café ou leite. A gamela e a colher de pau são vulgaríssimas. Não há muita

familiaridade com o material de alumínio. O pilão de pau, objeto de uso doméstico indispensável, fica do lado de fora; dentro de casa, um pilãozinho para moer café. No pilão grande tratam o arroz, o milho, paçocas e outras tarefas culinárias. (VIEIRA, 1971, p. 77).

Nas palavras do autor aparece a ligação dos objetos e das tarefas culinárias com os elementos oferecidos pelo sertão. Reforça ainda

o compartilhamento de hábitos entre os sujeitos do Nordeste Goiano e os baianos, como o uso da rede.

Geralmente próximo à cozinha, há nas casas pouso-altenses um local destinado à estocagem de produtos cultivados pelos próprios moradores: a despensa. A fotografia 4, retrata o cômodo na casa de um casal de agricultores:



**Figura 4.** Fotografia da despensa: cômodo destinado ao armazenamento de alimentos, Distrito de Pouso Alto – Goiás. Fonte: Acervo da autora, 2012.

Ali estão estocados alimentos como arroz, feijão, milho (para ração animal), farinha de mandioca etc. Neste caso, o estoque é destinado a apenas duas pessoas, revelando a importância de um valor tradicionalmente camponês: a fartura. Ela é além de um fator de distinção social, aquilo que liga o morador da vila ao sertão tradicional, à essência da vida rural.

Dentre todos os cômodos das casas do Patrimônio, aquele em que a mudança no uso e disposição dos objetos se vê mais com maior intensidade é a sala. A sala sertaneja tradicional, um lugar de socialização da família com os de fora e de realização das práticas religiosas, tem se tornado aos poucos o cômodo mais frequentado por homens e mulheres. Em Pouso

Alto, isso está relacionado a um problema de origem socioeconômica que aterroriza praticamente todo o Nordeste Goiano: o desemprego. A sala deixa então de ter uma função religiosa e acolhe relações de entretenimento, num momento de crise num dos pilares da vida camponesa, o trabalho.

A manifestação religiosa sofreu, na maioria das casas observadas, um deslocamento espacial da sala para os dormitórios, como demonstrado na fotografia 5. Numa outra ótica, a mudança pode ser lida como um aprofundamento das crenças religiosas, já que os quartos são lugares de intimidade, da identificação do sujeito. Sendo assim, ressalta-se a reorganização do espaço da casa, mas sem que isso signifique o

desaparecimento de tradições como a religiosidade.



Figura 5. Fotografia do espaço de oração no dormitório, Distrito de Pouso Alto – Goiás. Fonte: Acervo da autora, 2012.

A presença da bandeira (simbolizando a Folia de Reis) no cômodo retratado remete também a um padrão estético distinto daquele propagado pela matriz moderna, em que há a preocupação com estilos de decoração legítimos. Entretanto, há uma miscelânea de materiais e móveis que simbolizam as diferentes influências sofridas pelo Patrimônio. Notam-se móveis de madeira e telhas industriais contrapostos a tijolos ligados a barro. Percebe-se ainda, sob o móvel no canto inferior esquerdo da fotografia, a presença de produtos cosméticos e outros objetos, sendo a maioria destes comercializada nos mercados do povoado.

É preciso ressaltar que a chegada de mercadorias (como as supracitadas) no povoado, ou em espaços legitimamente rurais, não significa, todavia, a supressão desses espaços por uma racionalidade urbana. Fundamentando esse raciocínio, Brandão explica:

As mercadorias transformadas e produzidas na cidade (eletrodomésticos, automóveis, vestimentas etc.) invadem o campo, assim como os produtos gerados no campo (alimentos em geral, matérias-primas) invadem a cidade. Essa relação entre campo e cidade se intensifica, porque a divisão territorial do trabalho, estabelecida pelo desenvolvimento do modo de produção, coloca funções especiais para cada espaço, de modo que eles se inter-relacionem e se complementem. Ambos se transformam, se adequando às mudanças ou a elas resistindo. (2009, p. 96).

Conforme o autor, com a fluidez das trocas materiais e simbólicas entre o campo a cidade, a dicotomização dos espaços (urbanos e rurais) perde o sentido. O que cabe discutir é a que ponto a expansão de um dos modos civilizatórios compromete a reprodução do outro.



#### 4. Considerações finais

Como instrumento de análise, a casa permite realizar uma abordagem multiescalar, à medida que nela materializam-se processos que ultrapassam as barreiras físicas do lugar, responsáveis pela sustentação de ideologias, de discursos. A casa sertaneja aparece como meio de reprodução de uma cultura que vista de cima, numa perspectiva econômica, já teria sido extinta. A casa-quintal sobretudo, traz consigo uma tradicionalidade ímpar, mesmo que carregue na sua gênese, o contrário.

Em Pouso Alto, laranjeiras, mangueiras, milharais, canaviais, pocilgas, fornalhas, materializam a miscelânea cultural de sujeitos migrantes. Ali, reproduzem uma cultura

diferenciada e uma nova forma de organização do espaço, porém baseada em valores que nada têm de novos. Não mais possuidores de grandes porções de terras, o quintal representa para muitos o território possível e mais, significa a forma de sustentação do capital "agrário" que regula o universo camponês. É ele fruto e meio de uma realidade contraditória.

Em suma, nasce em tempos de globalização, a necessidade de olhar o espaço por suas frestas, de compreender o sutil como o principal veículo de inculcação de valores, inclusive, de reprodução de relações de dominação. A casa, os sujeitos, os discursos, os desejos, precisam ser ouvidos pela geografia.

#### 5. Referências

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **No rancho fundo**: espaços e tempos no mundo rural. Uberlândia: EDUFU, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Trad.: Maria Ferreira; revisão da tradução, Odaci Luiz Corandini. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BRUNO, Ernani Silva (fichário). **Equipamentos, usos e costumes da Casa Brasileira**/ coordenadora-geral da coleção Marlene Milan Acayaba; organizador do volume José Wilton Guerra. – São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2011. Conteúdo: V. 2.
- MARQUES, Ana C. O. **Espaço e *habitus* no sertão goiano**: o povoado de Pouso Alto. Goiânia, 2013. 120 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) Instituto de Estudos Socioambientais, Curso de Geografia, Universidade Federal de Goiás.
- OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de. **Fazendas Goianas**: A casa como universo de fronteira. Goiânia: Editora UFG, 2010.
- SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova** – da crítica à Geografia à Geografia Crítica. 3. ed. 1 reimpressão. São Paulo: Ed. Hucitec, 1990.
- SETTON, Maria das G. J. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *In: Revista Brasileira de Educação*, mai./jun./jul./ago 2002. n. 20, (60-70),
- VIEIRA, Emilio. **Intersecção: Goiás-Bahia**. Goiânia (GO): Editora Gráfica Oriente, 1971.